

**OS DESAFIOS PARA A ÁREA DE EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DA DIALÉTICA
ENQUANTO LÓGICA E TEORIA DO CONHECIMENTO**

**LOS RETOS PARA EL ÁREA DE EDUCACIÓN FÍSICA DESDE LA DIALÉCTICA COMO
LÓGICA Y TEORÍA DEL CONOCIMIENTO**

**THE CHALLENGES FOR THE FIELD OF PHYSICAL EDUCATION FROM DIALECTICS
AS LOGIC AND THEORY OF KNOWLEDGE**

DOI: <http://doi.org/10.9771/gmed.v14i3.48031>

Gabriel Vielmo Gomes¹

Gislei José Scapin²

Gilmar Belitz Pereira Junior³

Adelina Lorensi Prietto⁴

Maristela da Silva Souza⁵

Resumo: Este artigo analisa os desafios colocados, atualmente, para a área da EF em seu processo de produção do conhecimento. Para tanto, torna-se imprescindível compreender as mediações e contradições entre trabalho e ciência, assim como desvelar as formas de reestruturação produtiva do capital à luz da dialética como lógica e teoria do conhecimento. Dentre os desafios: preservar a materialidade do conhecimento da área; atentar ao esvaziamento do conhecimento; e a fragmentação do campo acadêmico-profissional. Concluímos com a necessidade da produção e do trato com o conhecimento da EF numa perspectiva materialista-histórica, considerando a totalidade das relações sociais, contrapondo às práticas alienantes do modelo capitalista de produção.

Palavras-chave: Educação Física. Ciência. Trabalho. Dialética. Cultura Corporal.

Resumen: Este artículo analiza los desafíos que se le plantean, corrientemente, al área de EF en su proceso de producción de conocimiento. Por lo tanto, es fundamental comprender las mediaciones y contradicciones entre trabajo y ciencia, así como develar las formas de reestructuración productiva del capital a la luz de la dialética como lógica y teoría del conocimiento. Entre los desafíos: preservar la materialidad del conocimiento en el área; prestar atención al vaciamiento del saber; y la fragmentación del campo académico-profesional. Concluimos con la necesidad de producir y tratar el conocimiento de la EF en una perspectiva histórico-materialista, considerando la totalidad de las relaciones sociales, oponiéndose a las prácticas alienantes del modelo capitalista de producción.

Palabras clave: Educación Física. Ciencias. Trabajo. Dialéctico. Cultura Corporal.

Abstract: This article analyzes the challenges posed, currently, to the PE area in its knowledge production process. Therefore, it is essential to understand the mediations and contradictions between work and science, as well as to unveil the forms of productive restructuring of capital in the light of dialectics as logic and theory of knowledge. Among the challenges: preserving the materiality of knowledge in the area; to pay attention to the emptying of knowledge; and the fragmentation of the academic-professional field. We conclude with the need to produce and deal with the knowledge of PE in a materialist-historical perspective, considering the totality of social relations, opposing the alienating practices of the capitalist model of production.

Keywords: Physical Education. Science. Work. Dialectic. Body Culture.

Introdução

Este artigo situa a área da Educação Física (EF) no atual momento histórico, trazendo para o debate os seus principais desafios da atualidade em relação ao trato com o conhecimento. Para isso, torna-se necessário, desvelar a essência dos fenômenos sociais, que se manifestam na produção do conhecimento da área da EF, a partir das contradições capital-trabalho e seu reflexo no campo científico. Desse modo, apresentam-se duas dimensões antagônicas de formação humana, a saber: humanização e alienação (DUARTE, 2013).

Partimos do pressuposto que a produção das bases materiais e objetivas da estrutura social capitalista estabelece implicações no sistema educacional, nas políticas públicas, no mundo do trabalho, bem como na produção de conhecimento científico, pois essas são pensadas para atender a mundialização do capital, girando em torno da produção, qualificação rápida e em atender o mercado de trabalho. Entretanto, historicamente, os sucessivos modelos sociais de produção foram marcados por inerentes crises estruturais acarretando novas reformulações (MÉSZÁROS, 2011).

Segundo Antunes (2009), foi no contexto de crise do padrão de acumulação taylorista/fordista que, a partir dos anos 70, o capital implementou um vastíssimo processo de reestruturação produtiva, visando recuperar seu ciclo reprodutivo. O capital, por conseguinte, a partir da acumulação flexível, do avanço tecnológico, da hipertrofia da esfera financeira, no plano ideológico - que ganhou relativa autonomia em relação aos capitais produtivos - e o culto ao subjetivismo, procurou respostas à crise estrutural. Desse modo, aliado aos ideais neoliberais, propiciou condições favoráveis às diferentes adaptações dos elementos Toyotista de reprodução capitalista.

O marco recente do cenário das crises do capital data o período de 2007, onde ocorreu o colapso da bolha imobiliária, alimentada pelo grande aporte de crédito bancário, utilizando-se também de instrumentos do mercado financeiro nos Estados Unidos, que acarretou a maior crise do sistema capitalista desde 1929, denominada a Grande Depressão (BRESSER-PEREIRA, 2009).

Como desdobramento mundial dessa crise, o Estado Brasileiro implementa diferentes medidas de austeridade⁶ e reformas em diferentes âmbitos do Estado, pautada por interesses políticos e econômicos de ordem privada, como o Ajuste Fiscal e as reformas trabalhista, educacional e previdenciária.

Tais medidas desencadeadas nos últimos anos corroboram a construção de um projeto socio-histórico hegemônico, determinado por um suposto contexto pós-moderno, que gera implicações no âmbito do trabalho como, por exemplo, as relações de acumulação flexível e a subproletarização intensificada⁷, bem como no âmbito da ciência, a crise da racionalidade moderna (HABERMAS, 1990) e a incredulidade das metanarrativas que acarreta o imediatismo e o pluralismo cultural (LYOTARD, 2018; GAMBOA, 2011).

D'Agostini e Titton (2015, p. 130) argumentam que para a implantação das mudanças necessárias ao capital, ajustes estruturais no modo produtivo se fazem indispensáveis, atingindo assim diretamente o trabalho. Esse, por sua vez, se manifesta na constante devastação dos recursos naturais e também o conjunto das forças produtivas, tendo sua organização modificada, mas mantendo sua essência: “a organização da

produção de forma que garanta a apropriação privada dos meios de produção e dos produtos produzidos coletivamente”.

Seguindo na perspectiva dos autores supracitados, pautados em Mészáros (2006), a mudança nas bases produtivas predominantes dos ajustes estruturais, vinculado ao domínio do trabalho, incorporam a intensificação do desenvolvimento e aplicação do campo da ciência e tecnologia.

Para melhor compreensão desse movimento e fazendo uma relação entre o trabalho e ciência na atual estrutura socio-histórica, delineando encaminhamentos para área de EF, partiremos do entendimento metodológico que a dialética é lógica e, ao mesmo tempo, teoria do conhecimento no plano do pensamento e no movimento de compreensão do real-concreto (KOPNIN, 1978). Nesse processo, se desenvolveu a existência humana, sendo a ciência uma das dimensões dessa produção, ou seja, uma síntese alcançada pelos seres humanos na constituição das sociedades, através do trabalho na qualidade de atividade humana manifestada na objetivação e apropriação das leis naturais e sociais.

Desse movimento dialético resultam-se diferentes práticas sociais, entre elas, as práticas corporais. O movimento de mudanças na constituição das práticas corporais e sistematização da EF acompanharam as transformações do modo produtivo da sociedade, subordinando-se atualmente ao modo Toyotista de produção, priorizando uma formação polivalente e flexível; sobretudo de caráter cognitivo, em detrimento do físico. Considerando as contradições resultantes desse processo, pautamos como reflexão deste artigo: quais os desafios colocados, hoje, para a área da EF em seu processo de produção do conhecimento?

Na intenção de ponderar instrumentos teórico-científicos para delinear as possibilidades de desvelamento e superação de tais desafios, tangenciando o problema central deste estudo, organizamos nosso trabalho em dois momentos. Partiremos do entendimento das categorias ciência e trabalho para, posteriormente, nortear a produção do conhecimento na área da EF.

Trabalho e ciência

De antemão, gostaríamos de elucidar que estamos partindo de uma concepção de trabalho marxista. O trabalho, em sua dimensão histórico-ontológica, é elemento constitutivo em si da práxis humana no processo de produção de existência dos indivíduos e das coletividades no intercâmbio com a natureza, bem como é compreendido, como atividade humana que possibilitou a efetivação das diferentes manifestações dos bens e serviços que a humanidade concretizou em sua trajetória. Desse modo, os indivíduos atuam e agem como construtores das condições de sua existência e permanência vital, elaborando cultura e fazendo história (ENGELS, 2004; MARX, 2010).

Para Marx (2010), o trabalho é entendido como condição de primeira ordem, ou seja, atividade vital, manifestando-se como meio de satisfação das necessidades e carências indispensáveis à manutenção da existência física do gênero humano e, ademais, corrobora para a ação produtiva da sua própria consciência, transformando-se em atividade vital consciente. Em síntese, entendemos o trabalho enquanto atividade vital na condição de categoria mediadora, síntese da objetivação e apropriação das relações humanas com os seus pares e com a natureza para produzirem sua existência e sua consciência, estando

diretamente vinculada às transformações e contradições históricas e produtivas da sociedade, contribuindo para a criação de bens materiais e imateriais.

Nessa perspectiva, Engels (2004) argumenta que foi com o trabalho que o ser humano despreendeu-se de alguns aspectos da natureza e pôde construir uma relação de contraposição na condição de sujeito em relação ao mundo dos objetos, estabelecendo, portanto, uma relação sujeito-objeto. Logo, o trabalho possibilitou ao homem a condição de ascender ao plano da não dependência da relação imediata com o meio natural, possibilitando, por conseguinte, a constituição de meios para subsistência a médio/longo prazo que alteraram seu modo de reproduzir a vida.

Entretanto, não se trata de desvincular os humanos da condição natural/animal, e sim do domínio da natureza por parte dos homens e mulheres, possibilitando o desenvolvimento das relações sociais constituídas nesse processo, propiciadas pela produção das condições materiais para sua sobrevivência (domesticação de outros animais, cultivo de alimentos) e pela efetivação das condições para a sua reprodução, condicionando o desenvolvimento da linguagem como forma de interação/comunicação entre pares (demandado pelo próprio trabalho), a divisão social para o trabalho. Com efeito, o resultado final desse longo processo resultou na reconfiguração do modo de vida em sociedade, demandando a complexidade das relações sociais, exemplificadas na gênese da propriedade privada, exploração do homem pelo homem, produção de mercadorias e valor de uso e troca.

Por fim, na dimensão do trabalho, enquanto atividade vital humana, ele se manifesta conforme Albornoz (1988), de maneira determinante, em trabalho intelectual e trabalho corporal, entretanto, para a autora, tal manifestação humana não ocorre de forma fragmentada, pois há uma imbricação entre ambos no mundo objetivado do trabalho e na satisfação das necessidades humanas.

Todo trabalho supõe tendência para um fim e esforço. Para alguns trabalhos, este esforço será preponderantemente físico; para outros, preponderantemente intelectual. Contudo, parece míope e interesseira essa classificação que divide trabalho intelectual e trabalho corporal. A maioria dos esforços intelectuais se faz acompanhar de esforço corporal; uso minhas mãos e músculos do braço enquanto datilografo essas páginas que vou pensando. E o pedreiro usa sua inteligência ao empilhar com equilíbrio os tijolos sobre o cimento ainda não solidificado (ALBORNOZ, 1988, p.11).

O processo de objetivação e apropriação da natureza, via trabalho, para a produção da existência humana sofreu transformações ao longo do movimento histórico de produção das bases materiais da sociedade. Conforme Engels (1986, p.30), o trabalho se diversificou aperfeiçoando-se ao decorrer das gerações, abrangendo novas atividades:

A agricultura surgiu como alternativas para a caça e pesca, e mais tarde a fiação e tecelagem, a manipulação de metais, a olaria e a navegação. Concomitantemente ao comércio e aos ofícios (hoje profissões) apareceram as artes e a ciência; das tribos saíram as nações e os estados. Vieram depois o direito e a política, e a religião apareceu como o reflexo fantástico das coisas na mente do homem. Com essas criações produzidas pelo cérebro e que começavam a dominar as sociedades humanas, as produções mais simples, resultado das atividades manuais, foram deixadas em segundo plano. Na família primitiva, por exemplo, - numa fase mais adiantada do desenvolvimento da sociedade - a cabeça

que planejava o trabalho já era capaz de sujeitar mãos alheias a realizarem o projeto por ela.

No capitalismo, o trabalho perpetua sua feição opressora, envergando de uma relação produtora de vida para uma relação produtora de renda. É nessa conjuntura que o trabalho se caracteriza como alienado e explorado, reificando a ação humana na produção de mercadorias e, conseqüentemente, em produção de mais-valia. Nesse contexto, Marx (2010) evidencia que a organização da sociedade pautada pela propriedade privada e pela divisão em classes sociais, propiciou às novas relações estabelecidas pelo e para o trabalho, isto é, as relações de exploração do homem pelo homem, a fragmentação do trabalho manual e intelectual, o estranhamento em relação ao produto do trabalho, entre outras.

Concordando com o posicionamento de Marx (2010), Antunes (2009, p.28) entende que:

O capital operou, portanto, o aprofundamento da separação entre a produção voltada genuinamente para o atendimento das necessidades humanas e as necessidades de autorreprodução de si próprio. Quanto mais aumentam a competição e a concorrência intercapitais, mais nefastas são suas conseqüências, das quais duas são particularmente graves: a destruição e /ou precarização, sem paralelos em toda a era moderna, da força humana que trabalha e a degradação crescente do meio ambiente, na relação metabólica entre homem, tecnologia e natureza, conduzida pela lógica societal subordinada aos parâmetros do capital e do sistema produtor de mercadorias.

Entendemos, desse modo, que a lógica de organização produtiva do capital pautada pela competição, lucro, concorrência e exploração (recursos humanos e naturais), condiciona os moldes organizativos do trabalho, ou seja, as formas objetivas de manifestação do trabalho seguem os ditames dos modelos de sociedade que se constituem no movimento histórico.

Considerando as alterações históricas da sociedade capitalista, Pinto (2007) pondera que o primeiro movimento de racionalização do trabalho foi denominado Taylorismo (fíndar do século XIX, gênese do século XX), marcado pelas ideias fundamentais de uma organização sistêmica e especializada de funções e atividades. Baseado na fragmentação das atividades (planejamento/execução), visando aumentar a produtividade, utilizou-se da racionalização do tempo através da aproximação das ferramentas necessárias ao processo produtivo e da simplificação das atividades, objetivando a extração máxima de valor do trabalho humano nas linhas de produção.

Vinculado ao modo produtivo Taylorista esteve o modo de produção/gestão Fordista. A conexão Taylorismo/Fordismo acentuou a especialização das atividades de trabalho a um nível tão limitado e simplificado, culminando na transformação dos trabalhadores em meros apêndices da máquina, cabendo-os a reprodução de movimentos mecanizados (PINTO, 2007).

Como forma de superar o modelo de produção anterior, surge o modo Toyotista, criado a partir da metade do século XX, ressignificando a maneira de se pensar o “produzir” e a “acumulação”. Sua constituição deu-se pela flexibilização das indústrias, desde a terceirização, passando pela redução quantitativa de trabalhadores, as subcontratação, os contratos temporários, chegando a recair sobre os

trabalhadores a polivalência e flexibilidade de seus direitos como características essenciais (ANTUNES, 2011).

Diante disso, para pensarmos a produção do conhecimento em EF, nos pautamos na Ciência enquanto produto do Trabalho e parte constituinte das relações produtivas, apresentando-se hegemônica, a serviço do trabalho na lógica capitalista. Na perspectiva de Souza (2009), para a compreensão da produção do conhecimento em EF, é necessário priorizar uma reflexão sobre a ciência enquanto parte real da história natural e humana. Para a autora, a necessidade de pôr em evidência as dimensões da ciência está atrelada a relevância de entender os processos de elaboração do mundo natural e social.

A ciência, portanto, não está dada na sociedade, mas se constitui enquanto um produto da ação humana na elaboração do mundo (natural e social), sendo mediadora da relação entre os sujeitos com a natureza na produção do ser social como possibilidade de situar-se no mundo. Partindo desse pressuposto, Andery et al. (2014) argumentam que a produção do conhecimento científico se torna relevante ao prover o desenvolvimento do homem e da sua história, na produção de sua consciência e na transformação da realidade objetiva.

Seguindo no entendimento das autoras, “[...] a ciência é determinada pelas necessidades materiais do homem em cada momento histórico, ao mesmo tempo em que nelas interfere.” (ANDERY et al., 2014, p.13). E, ademais, configura-se por ser uma potencialidade do homem em entender e explicar de forma racional a natureza, pretendendo elaborar leis que propiciam a ação humana na realidade.

Atualmente a ciência se manifesta na forma mais evoluída e difundida na sociedade em razão dos avanços da tecnologia, da informática, automação e dos modos de pensar a produção material da sociedade. Nesse contexto, há duas dimensões de entendimento sobre a ciência: “força de progresso” e “força de opressão”. A primeira perspectiva é tratada como benéfica ao desenvolvimento da sociedade; por sua vez, a segunda perspectiva é vista como um meio de destruição da natureza e da própria humanidade em despeito do avanço capitalista e suas readequações em tempos de crise estrutural (ANDERY et al., 2014, p. 425).

A ciência contemporânea, marcada pela tecnologia, possui como produto uma determinada ampliação/otimização da técnica, bem como se caracteriza pela terminologia ciência-tecnologia. Porém, a ciência não se esgota na tecnologia, mas também se vincula à dimensão do “explicar” (científico e racional) que possui a função de desvendar as leis dos fenômenos e eliminar seus mistérios. Entretanto, Andery et al. (2014) nos atentam que devemos considerar a análise das atuais condições que determinam a produção da ciência e da tecnologia.

É nessas considerações, portanto, que devemos ponderar as condições de produção da ciência no interior do modo capitalista de produção, evidenciando seus interesses e determinantes no processo de objetivação e apropriação dos saberes científicos. Souza (2009) argumenta que a dimensão do conhecimento científico na sociedade capitalista contribui para ampliar a acumulação de capital obtendo índices elevados de mais-valia necessitando, deste modo, de uma modernização dos arranjos produtivos.

Corroborando, Antunes (2009) argumenta que a interação entre trabalho e ciência oportunizou a objetivação das atividades intelectuais dos seres humanos na nova maquinaria obtida através da tecnização do processo produtivo, reduzindo e transformando o trabalho vivo em trabalho morto, bem como a redução

do trabalho improdutivo (supervisão, vigilância, inspetor) dentro das fábricas, incorporando-as em trabalhadores produtivos, por meio da polivalência e sua multifuncionalidade.

Como forma de atender aos interesses do capital, a ciência incorpora, portanto, características da organização do trabalho no modo capitalista de produção. Souza (2009, p. 103) elucida nosso entendimento na seguinte passagem:

A divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual se intensifica e nega a uma grande parcela de trabalhadores as potências intelectuais do trabalho, tornando-o uma atividade dominada pela espontaneidade, pela naturalidade (por exemplo, a força física) e pela casualidade. Neste sentido, o capital subsumiu a ciência, tornando-a, também, uma força alheia, exterior ao sujeito que passou a dominá-la e contribuir para o processo de sua desumanização.

A organização do trabalho capitalista, portanto, fragmenta/rompe com as relações produtivas e também com a identidade do trabalho enquanto atividade vital, não considerando a imbricação manual/intelectual-teoria/prática. Um fator preponderante para esse fato é a apropriação privada dos meios de produção que resulta, conseqüentemente, com a apropriação privada da ciência, de seus produtos e serviços. Por fim, é nesse cenário que a ciência e a tecnologia se manifestam de modo contraditório, ao mesmo tempo em que se constrói um monopólio cultural nos países desenvolvidos, determina condições de empobrecimento cultural nos países menos desenvolvidos (SOUZA, 2009).

A ciência em seu desenvolvimento histórico no interior das avançadas relações capitalistas e no atual contexto socio-histórico está por ressignificar-se, ou melhor, se encontra em um momento de incerteza e enfrentamentos da verdade (razão) enquanto condição objetiva da realidade. Ou seja, a ideia de verdade/razão fruto do iluminismo e da modernidade assume, no ideário pós-moderno, uma nova forma de manifestação, pautada pelo relativismo e irracionalismo.

É nesse contexto que, conforme evidencia Souza (2009), há uma determinada negligência para com a “verdade”, preservando, portanto, o ceticismo entendido como relativismo e pluralismo. Desse modo, a “verdade” se manifesta e é percebida pelo imediatismo e superficialidade das relações sociais. Complementando o posicionamento da autora, Freitas (2005) entende que nessa conjuntura socio-histórica há prevalência no questionamento das ideias clássicas de verdade, razão, identidade, objetividade e as metanarrativas.

Para D’Ancona (2018), os principais protagonistas do ideário Pós-moderno (Foucault, Lyotard, Derrida, Baudrillard e Rorty) construíram um determinado controle sob as dimensões intelectuais da contemporaneidade. Os pensadores pós-modernos induziram seus adeptos a questionar e desconstruir os aspectos da linguagem, das instituições e do saber, conseqüentemente, ao mesmo tempo em que, ao questionarem a própria noção de realidade objetiva, deslegitimaram a percepção da verdade.

Seguindo na perspectiva do referido autor, é nessa conjuntura que a ciência – questionando a noção de verdade, capilarizando o acesso às plataformas digitais e difundindo a informação - coincide com a ampliação do acesso a informações, que por sua vez, não apresentam caráter verídico, isto é, a falsa ciência

materializada pela pulverização de Fake News, principalmente nas redes sociais, propiciando um terreno fértil para o desenvolvimento da Pós-verdade⁸.

Ao caracterizarmos e situarmos a categoria trabalho e a ciência enquanto produto desse cenário, a partir do movimento histórico de produção da sociedade, especialmente a sociedade capitalista em um ideário pós-moderno, entendemos que as relações estabelecidas, até então, condicionam os desafios para a área da EF. Desse modo, traçaremos na sequência uma discussão acerca da produção do conhecimento em EF, considerando o contexto apresentado.

Produção do conhecimento em educação física

De imediato, lançamos mão dos argumentos de Kopyn (1978) ao dispor sobre a pertinência da dialética materialista na intenção de revelar o processo de desenvolvimento do conhecimento. Nesse sentido, tendo a lógica como movimento do pensamento, o referido autor pondera que a ciência contemporânea estabelece uma determinada dependência da lógica para o conhecimento da realidade. Dito isso, delinaremos algumas considerações relativas à produção de conhecimento, em especial na área da EF, evidenciando, por conseguinte, os desafios postos a partir da atual conjuntura social, política, econômica e educacional anteriormente descrita.

Em síntese, produzimos nossa existência em uma base socio-histórica balizada num ideário pós-moderno, cuja constituição ocorre no interior das relações socioeconômicas neoliberais que, por sua vez, intensifica as relações produtivas priorizando a lucratividade das corporações de ordem privada em detrimento do bem-estar social (direitos sociais) e das instituições públicas. É nesse bojo que o trabalho, em sua atual face produtora de capital, determina as relações produtivas nas dimensões flexíveis e polivalentes, materializando-se em postos de trabalho precarizados e com grande rotatividade, intensificando a concretização da essência do trabalho capitalista, a saber, alienado.

Para reprodução deste projeto histórico de sociedade se exige a formação de sujeitos capazes de atender as demandas do atual modo capitalista de produção. Desse modo, o trato com os diferentes conhecimentos e suas respectivas áreas científicas, refletem a lógica estrutural do sistema produtivo hegemônico. Tem-se, portanto, uma educação flexível que prioriza a hierarquização dos saberes, a pulverização dos conhecimentos que, conseqüentemente, acarreta numa formação superficial e fragmentada em consonância com os limites do próprio modo produtivo. Tal formação flexível ocorre no interior de um tempo/espaço precarizado, produto de um projeto de educação sucateado pelas mediações e contradições das políticas neoliberais.

Pensando a produção do conhecimento em EF nesse contexto, concordamos com Souza (2007) quando argumenta que essa se vincula a todo o contexto social que a determina e é por ela determinada. Portanto, para evidenciar os desafios na construção do conhecimento da área se faz necessário superar os caminhos da abstração empírica e pautar um caminho que desvende sua essência do e para o concreto.

Para elencarmos os desafios para a produção de conhecimento em EF compreendemos pertinente, também, conceituar nosso entendimento de EF enquanto área de conhecimento. Para tanto,

fazemos referência ao Coletivo de Autores (2012) que evidenciam o conhecimento da área enquanto uma produção humana constituída historicamente como materialidade corpórea, produto do trabalho e manifestada enquanto prática social no plano da Cultura Corporal (CC). Tal materialidade corpórea refere-se à sistematização e historicização das práticas corporais, imbricando corpo/movimento/cultura na relação com a realidade concreta e objetiva, em consonância com sua função social (COLETIVO DE AUTORES, 2012; SOUZA et al., 2011).

Em que pese à divergência teórico-metodológica, há concordância com Bracht (2007, p. 30) quando argumenta que a EF não se constitui enquanto ciência, mas sim enquanto uma prática de intervenção pedagógica, “[...] que trata/tematiza as manifestações da nossa cultura corporal e que essa prática busca fundamentar-se em conhecimentos científicos, oferecidos pelas abordagens das diferentes disciplinas”. Em outras palavras, a EF fundamenta sua prática pedagógica através das diversas práticas científicas (naturais e sociais) possibilitando a produção da corporeidade dos sujeitos, pois “[...] reconhecer a EF como prática pedagógica é fundamental para o reconhecimento do tipo de conhecimento, de saber necessário para orientá-la e para o reconhecimento do tipo de relação possível/desejável entre EF e o saber científico, ou as disciplinas científicas” (SOUZA, 2009, p. 42).

Na tentativa de superar as abstrações e construir a materialidade corpórea no âmbito da CC, se apresentam determinados obstáculos diretamente vinculados à realidade social e as necessidades vitais. Neste sentido, o primeiro desafio que se apresenta para a área é a preservação de sua materialidade enquanto prática pedagógica sustentada pelos campos científicos (conhecimentos) uma vez que a ciência e, conseqüentemente, a área da EF, recebem ataques das teses pós-modernas (GAMBOA, 2011; TAFFAREL; ALBUQUERQUE, 2011). Souza (2009) corrobora nosso entendimento, pois pondera que o ideário pós-moderno, ao contrapor-se ao projeto de ciência moderna e disseminar críticas às metanarrativas, acarretou uma crise da razão, do conhecimento e da verdade. A autora explica que:

É neste contexto de recusa teórica que os pós-modernos anunciam, no âmbito da produção intelectual, uma espécie de negligência à verdade, ao mesmo tempo em que conservam o ceticismo, interpretando como relativismo e pluralismo. A verdade passa a ser concebida pela transparência e pelo imediatamente visível (Souza, 2009, p. 68).

A centralidade do referido desafio concentra-se na equiparação da ciência aos demais ramos do conhecimento (senso comum, religioso, empírico, entre outros). Tal relativismo, se justifica pelo avanço da globalização e da expansão tecnológica na qual prevalece a hegemonização da informação e da experiencição (empírico) contrapondo-se ao acúmulo e a preservação do saber científico (ciência) e da verdade (razão).

Conseqüentemente, atrelado a esse desafio, percebemos que a prática pedagógica entendida a partir da sua relação direta com a prática científica determinado pelo ideário pós-moderno, resulta no esvaziamento dos conhecimentos/conteúdos que fundamentam a EF. Esse segundo desafio, é justificado a partir da ideia que vivemos em uma nova sociedade, isto é, a “sociedade do conhecimento” em razão do reordenamento das forças produtivas de reprodução social. Sobre isso, Lyotard (2018) argumenta que o

saber – ciência – tornou-se nos últimos anos a principal força produtiva constituindo demasiada importância na disputa das capacidades das forças produtivas da sociedade.

Contudo, tratar o saber como principal força produtiva da sociedade não significa que esse se manifeste de forma qualificada/humanizada no interior das relações sociais. Neste sentido, para compreender a essência da sociedade do conhecimento e as implicações no processo de produção e socialização dos conhecimentos em EF precisamos situar as necessidades do reordenamento produtivo.

Antunes (2011) argumenta que o novo perfil de trabalhador manual não permite dar conta dos novos postos de trabalho, pois não há uma transformação direta dos objetos materiais, mas há uma supervisão do processo produtivo em máquinas computadorizadas. Essa nova operacionalização produtiva acarreta na desespecialização dos funcionários em decorrência da formação de trabalhadores multifuncionais e polivalentes, típicos do Toyotismo.

Nesse contexto, a EF é rebaixada a um segundo plano, pois a reprodução de movimentos não apresenta relevância em relação a outras áreas de conhecimento (português, matemática, inglês). Neste sentido, busca-se a formação de competências intelectuais em detrimento de habilidades físico-motoras exigidas pela nova fase do capital.

A lógica educacional, balizada pela aquisição de competências/habilidades no interior da EF vai legitimar o esvaziamento de conhecimentos da área, pois segundo Souza; Ramos (2016) o conceito de “competências” destina-se a confluir ações individuais em ações coletivas, objetivando uma meta imediatista, internalizando nos educandos o aprendizado dos conteúdos de forma superficial.

Esse esvaziamento de conhecimentos, também se dá a partir da organização curricular em áreas de conhecimento, sobretudo do ensino médio⁹, fomentado pela finalização da Base Nacional Comum Curricular em 2018, onde a EF se situa na área das Linguagens e suas Tecnologias. Para Souza; Ramos (2016) sistematizar os conhecimentos em áreas concretiza os ideais pós-modernos que visa desenvolver o “aprender a aprender”, conforme encaminhamentos do Relatório Delors para a educação em escala internacional (DELORS, 2010), generalizando o conhecimento científico.

Escobar (2012) e Taffarel (2012) argumentam que tratar a EF, em especial a CC, na forma de linguagem é um equívoco, pois essa percepção sobre o objeto de estudo pauta-se pelas teses idealista e fenomenológicas da EF, que entendem o corpo como algo abstraído da realidade concreta, ou seja, independentes de suas condições objetivas. As autoras defendem que a CC é um ramo da cultura/produção humana, fruto do trabalho e que não pode ser separada da historicidade da existência humana.

Por fim, um terceiro desafio que elencamos vincula-se com a dimensão do mundo do trabalho, ou seja, as formas de pensar/instruir o trabalhador da área. A partir do reordenamento produtivo emerge no campo de trabalho da EF uma reorganização do campo profissional, pautado no primeiro momento pelo Projeto de Lei 330/1995 e sancionado em 1998 (Lei N° 9696/98) que trata da regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física (BRASIL, 1998). Sob essa perspectiva, Souza; Ramos (2017) evidenciam determinada fragmentação entre o ambiente formal assalariado (escola) e não formal de bens e serviços (academia, clubes).

Do mesmo modo, a recém criada resolução CNE/CES Nº 06/2018, que atualiza as novas DCNs para os cursos em EF (BRASIL, 2018), visa, entre outros pontos, a perpetuação da fragmentação da formação da EF (Licenciatura/Bacharelado). A partir desse processo de readequação formativa do profissional, promove-se a continuidade na subordinação histórica aos ditames do mercado produzindo, deste modo, um novo perfil de trabalhador, a saber, perfil de trabalhador liberal, em razão das novas tendências de mercado como, por exemplo, Personal Trainer e Boring System (SOUZA; RAMOS, 2017).

Após evidenciarmos esses desafios impostos pelo movimento histórico de produção da sociedade, onde a EF está imersa no relativismo imposto pelo ideário pós-moderno, nos cabe refletir de que modo podemos retomar a discussão e entendimento da EF enquanto CC, atrelando corpo, movimento e cultura na sua relação com a realidade concreta e de que modo podemos aprofundar os conhecimentos que fundamentam a área da EF, nos questionando sobre que tipo de saber e para quem interessa uma formação fragmentada do profissional da área e o rebaixamento da EF nos currículos escolares, com a perda de carga horária e com uma abordagem superficial no trato dos conhecimentos da área, visando a polivalência e o caráter cognitivo.

Visto que a ciência media a produção do ser social, é importante refletirmos sobre que ser humano está sendo formado, onde se privilegia o trabalho intelectual, adaptando as subjetividades dos indivíduos ao atual modo de produção do capital. A dialética materialista, enquanto lógica e teoria do conhecimento, pode nos ajudar a apontar caminhos para sairmos das teses pós-modernas e nos voltarmos para a produção de conhecimento científico, fundamentando a EF na produção da corporeidade e da consciência dos sujeitos apontando para a transformação da realidade objetiva.

Dito isso, para findarmos este item, faremos referência a proposição de EF objetivada na CC. Para tanto, destacamos o posicionamento de Escobar (2012) e Taffarel (2012), que, ao contraporem-se as teses idealistas e pós modernas, alicerçam o conhecimento em EF numa base materialista histórica. Para as autoras, não se limitando a linguagem corporal, a EF se constitui e se manifesta a partir da atividade humana consciente, fruto do trabalho humano, ou seja, a EF enquanto prática corporal sistematizada historicamente, é uma atividade humana porque é uma explicação do que o homem faz a partir do agir corporal no âmbito da cultura. Desse modo,

A “cultura corporal” é uma parte da cultura do homem. É configurada por acervo de conhecimento, socialmente construído e historicamente determinado, a partir de atividades que materializam as determinações múltiplas entre experiências ideológicas, políticas, filosóficas e sociais e os sentidos lúdicos, estéticos, artísticos, agonistas, competitivos ou outros, relacionados à realidade, às necessidades e as motivações do homem. O singular dessas atividades – sejam criativas ou imitativas – é que o seu produto não é material nem separável de seu ato de produção; por esse motivo o homem lhe atribui um valor de uso particular. Dito de outra forma, as valoriza como atividade, em si mesma. Essas atividades são realizadas seguindo modelos socialmente elaborados, portadores de significados ideias atribuídos socialmente (ESCOBAR, 2012, p. 128).

Diante disso e na tentativa de superar as falsas dicotomias (corpo/mente, sociais/biológicas), que se disseminam na área da EF, a partir da fragmentação na produção do conhecimento e do trabalho alienado, é necessário, como argumenta Taffarel (2012, p. 163),

[...] uma compreensão filosófica de conjunto, radical e de totalidade na produção de conhecimento. Isto significa estabelecer relações entre o geral, o particular e o singular, significam ir a raiz das questões que é o ser humano e sua vida de relações e ver no conjunto o nexos e determinações históricas. Sem esta perspectiva fica muito difícil entendermos o que é cultura corporal, o que é Educação Física.

Por fim, a CC no âmbito da produção do conhecimento, a luz da dialética enquanto lógica e teoria do conhecimento, é um produto de uma construção socio-histórica que prescinde do modo de vida e do modo de organizar a produção de bens materiais e imateriais. Essa forma de conceber o conhecimento em EF não abre mão da totalidade do gênero humano situado no âmbito da luta de classes, tampouco tendo como base uma representação linguística. Temos que reconhecer, portanto, que as manifestações corporais no âmbito da cultura não nasceram com o homem, mas sim foram construídas pelo trabalho, pelas atividades e pelas condições de produzir e reproduzir o modo de vida humano. Essa construção, conforme explica Taffarel (2012, p. 163), “[...] passa pelas relações do homem com a natureza e com os outros homens na manifestação da vida. Aí se constrói a cultura corporal – jogos, esportes, ginástica, lutas e outras formas que tratamos pedagogicamente na escola”.

Considerações finais

A partir da construção teórica de cunho crítico-reflexivo sobre os desafios para a produção do conhecimento na área da EF, tendo como fundamentação a dialética enquanto lógica e teoria do conhecimento, destacamos três desafios principais: Manutenção da materialidade do conhecimento em razão do avanço do ideário pós-moderno no campo da produção conhecimento; Esvaziamento do conhecimento em razão a flexibilização produtiva, que prioriza conhecimentos de cunho cognitivista; Fragmentação do campo acadêmico-profissional em razão das mudanças no mundo do trabalho.

Entretanto, ao debatermos sobre os desafios contemporâneos para a área da EF, não podemos isentar o atual quadro de pandemia de Covid-19, novo coronavírus (SARS-CoV-2), pois há a necessidade de identificação dos desafios acometidos pelo quadro de crise pandêmica, que interferiu significativamente nas formas de mediação e produção do/com o conhecimento em Educação Física em seus diferentes campos e contextos. Além do mais, outro desafio *da ordem do dia* para a área da Educação Física, que reivindica uma análise mais atenta e pormenorizada, se refere ao processo de implementação do “Novo” Ensino Médio, a partir da Lei nº 13.415/2017.

Diante disso, partimos em defesa da produção e trato do/com conhecimento da EF numa perspectiva materialista-histórica, considerando a totalidade das relações sociais produzidas a partir das necessidades do gênero humano no contexto da realidade objetiva. Em contraposição às práticas alienantes do modelo capitalista de produção, evidenciamos o conhecimento da CC como parte da cultura e

possibilidade crítico-superadora de emancipação humana do ser social, que, mediante ao acesso/apropriação dos elementos da CC, ascende ao nível mais elevado cultural e criticamente.

Por fim, percebemos a necessidade de elaborarmos um trabalho pedagógico para a EF pautado nos ditames do conhecimento científico produzido pela atividade humana do trabalho, em níveis não alienantes que, por sua vez sintetizem o movimento constante entre teoria e prática, tendo como finalidade a construção de uma práxis revolucionária enquanto um projeto histórico de sociedade.

Referências:

ANDERY, Maria Amalia et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 2. ed., 10. reimp. rev. e ampl. São Paulo: Boitempo, 2009.

BRACHT, Valter. **Educação Física e Ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Resolução CNE/CES Nº 6/2018**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Educação Física e dá outras providências. MEC: Brasília, 2018. Disponível em: http://www.in.gov.br/materia//asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55877795/do1-2018-12-19-resolucao-n-6-de-18-de-dezembro-de-2018-55877683. Acesso em: 30 ago. 2021.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Globalização e competição**. Rio de Janeiro: Elsevier-Campus, 2009.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. 2. ed. ver. São Paulo: Cortez, 2012.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**. 1. ed. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DELORS, Jacques (Pres.). **Educação, um tesouro a descobrir: relatório para UNESCO da comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. Brasília: Faber-Castell, 2010. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>. Acesso em: 03 out. 2021.

DUARTE, Newton. **A individualidade para si: contribuição a uma teoria histórico-crítica da formação do indivíduo**. 3. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

ENGELS, Friedrich. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: ANTUNES, R. **A dialética do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

ESCOBAR, Micheli Ortega. Coletivo de Autores: a cultura corporal em questão. In: COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 121-133.

FREITAS, Luiz Carlos. **Qualidade negociada: avaliação e contraregulação na escola pública**. Educ. Soc., Campinas, v. 26, n. 92, p. 911-933, out. 2005.

HABERMAS, Jürgen. **Pensamento Pós-Metafísico: estudos filosóficos.** - Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

KOPNIN, Pável Vasilievich. **A Dialética como lógica e teoria do conhecimento.** Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1978.

LYOTARD, Jean-François. **A condição Pós-Moderna.** 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos.** 4.reimp. São Paulo: Boi Tempo, 2010.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital.** Trad. Francisco Raul Cornejo et al. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Boitempo, 2011.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx.** São Paulo: Boitempo, 2006.

PINTO, Geraldo Augusto. **A organização do trabalho no século XX: taylorismo, fordismo e toyotismo.** 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SÁNCHEZ GAMBOA, Silvio. O debate da pós-modernidade: as teorias do conhecimento em jogo. **Filosofia e Educação (On-Line)**, Campinas, v. 2, n. 2, p. 74-98, mar. 2011. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/rfe/article/view/2170/2039>. Acesso em: 02 fev. 2021.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física: raízes europeias e Brasil.** 5. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SOARES, Gabriella. Médicos de 3 planos receitam tratamento precoce antes mesmo de exame de covid. **Poder 360.** [S. l.] 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/medicos-de-3-planos-receitam-tratamento-precoce-antes-mesmo-de-exame-de-covid/>. Acesso em: 15 out. 2021.

SOUZA JUNIOR, Marcílio. et al. Coletivo de Autores: a Cultura Corporal em questão. **Rev. Bras. Ciên. Esporte**, Florianópolis. v. 33, n. 2, p. 391 – 411, abr./ jun. 2011.

SOUZA, Maristela da Silva. **Esporte Escolar: possibilidade superadora no plano da cultura corporal.** São Paulo: Ícone, 2009.

SOUZA, Maristela da Silva; RAMOS, Fabrício Krusche. Educação Física e o mundo do trabalho: um diálogo com a atual Reforma do Ensino Médio. **Motrivência**, Florianópolis, v. 29, n. 52, p. 71-86, set. 2017.

SOUZA, Maristela da Silva; RAMOS, Fabrício Krusche. Educação Física Escolar: a necessidade de tensão permanente entre a escola e a sociedade. In: KUNZ, Elenor. (Org). **Didática da Educação Física 4: Educação Física e Esportes na escola.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2016.

SOUZA, Maristela da Silva; SCAPIN, Gislei José; GOME, Gabriel Vielmo. Educação física escolar e a bncc: o projeto de formação humana e as implicações na formação de professores no âmbito do avanço conservador. **Revista Fluminense de Educação Física**, Edição Comemorativa, vol 02, ano 02, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/edfisica-fluminense/article/view/49587>. Acesso em: 15 out. 2021.

TAFFAREL, Celi. Coletivo de Autores: a cultura corporal em questão. In: COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 156-165.

TAFFAREL, Celi; ALBUQUERQUE, Joelma de Oliveira. Epistemologia e teorias do conhecimento em educação e educação física: reações aos pós-modernismos. – **Revista Digital do Paideia**, v. 2, n. 2, 2011.

Notas

- ¹ Especialista em Educação Física Escolar (UFSM); Pesquisador na Linha de Estudos Epistemológicos e Didáticos em Educação Física (LEEDEF/CEFD/UFSM) - <https://www.ufsm.br/grupos/leedef>; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8350441034783183>; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7428-7855>; E-mail: gabrielygef@gmail.com
- ² Mestre em Educação Física (UFSM); Pesquisador/Doutorando em Educação do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho, Educação e Políticas Educacionais - KAIROS (UFSM) - <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/11220>; Professor de Educação Física - SMEC Panambi-RS; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8465343376412459>; Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-6996-2158>; E-mail: gjscapin@gmail.com
- ³ Especialista em Educação Física Escolar (UFSM); Pesquisador da Linha de Estudos Epistemológicos e Didáticos em Educação Física (LEEDEF/CEFD/UFSM) - <https://www.ufsm.br/grupos/leedef>; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4562604452474285>; Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3693-3438>; E-mail: gilmabelitz@gmail.com
- ⁴ Mestre em Educação Física (UFSM); Pesquisadora da Linha de Estudos Epistemológicos e Didáticos em Educação Física (LEEDEF/CEFD/UFSM) - <https://www.ufsm.br/grupos/leedef>; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7712432577648458>; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6387-0412>; E-mail: adelina_prietto@hotmail.com
- ⁵ Doutora em Ciência do Movimento Humano (UFSM); Professora Titular do Departamento de Desportos Individuais e do Programa de Pós-Graduação em Educação Física (PPGEDF/CEFD/UFSM); Pesquisadora-Líder da Linha de Estudos Epistemológicos e Didáticos em Educação Física (LEEDEF/CEFD/UFSM) - <https://www.ufsm.br/grupos/leedef>; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7685329921498975>; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9624-3060>; E-mail: maristeladasilvasouza@yahoo.com.br
- ⁶ Engloba políticas que visaram o encolhimento dos gastos públicos no cenário social, por exemplo, a PEC do teto dos gastos – EC 95, além de reformas (Previdência: EC nº 103/2019 e Trabalhista: Lei nº 13467/2017) com o objetivo de flexibilizar o mundo do trabalho e obter superávits primários das contas públicas, atendendo assim, o imperativo do grande capital internacional.
- ⁷ Esse termo se refere às formas de trabalho precário, parcial, temporário, subcontratado, terceirizados vinculados a economia informal (ANTUNES, 2011).
- ⁸ Atualmente, podemos ver na prática da Pós-Verdade a atuação de setores ligados ao governo federal e sua política fascista que divulga dados e informações errôneas, no sentido de oferecer “munição informativa” e espalhar a desinformação para a população. Ressalta-se que, durante a pandemia de COVID-19 o governo federal, junto a setores do sistema de saúde privado (Prevent Senior, Unimed-Rio e Hapvida), incentivaram o uso desenfreado do “kit covid” na população, um tratamento preventivo com medicamentos ineficazes ao tratamento da doença (hidroxicloroquina, azitromicina, ivermectina, entre outros) (SOARES, 2021).
- ⁹ Uma análise mais pontual acerca da EF situada (e entendida) na área das linguagens e as implicações para o processo formativo no âmbito de determinado projeto de formação humana suscitada a partir dos atuais embates políticos e ideológicos é encontrada em Souza, Scapin e Gomes (2021).

Recebido em: 09 de fev. 2022
Aprovado em: 12 de out. 2022